

As coisas da saúde

Paulo Herkenhoff

2023

Dois artistas contemporâneos trabalham na mesma chave nosológica e acológica [1] de Camille Kachani. O primeiro é o artista britânico Damien Hirst, que alinhou pílulas medicinais em prateleiras (*Bodies*, da série *Medicine Cabinets*, 1989) exibidas na exposição *Utopia*, uma elegia do corpo pós-humano, e organizou caixas de remédios que podem ser tratadas como naturezas-mortas (*Pharmacy*, 1992), dois projetos que se situam entre os paradigmas pop da sociedade de consumo, com as caixas de *Campbell's Soup Cans* (1962), de Andy Warhol, e o edifício moral barroco das *vanitas* do Século de Ouro da pintura seiscentista holandesa. Diferentemente da utopia de saúde e imortalidade de Damien Hirst, o objeto-livro *Illusioni eterni*, de Kachani, admite uma relação irônica dos viventes: "o desejo consciente de gozo eterno, o instinto de sobrevivência sem fim das células, isso é só para os deuses, e os homens querem ser deuses." Em 2008, Camille Kachani lançou uma linha de remédios com *Clarice L* (caixa do anti-histamínico Allegra D), *Espinosa B* (caixa do Rivotril), *A. Camus*, *Borges*, *M. Proust* e outros. A origem medieval do termo remédio provém do latim, formado por *re* (de novo, expressa também uma força) e *mederi* (curar ou trazer de volta a saúde). O primeiro sentido de remédio surgiu por volta do ano 1300 para uma solução jurídica. Por volta de 1400, *remedien* surge como cura, produzir a cura de uma doença ou de uma desordem. As drogas de Kachani são destinadas à saúde intelectual e sensível do espectador.

O segundo caso é o do artista gaúcho Ismael Monticelli, que atuou como biomédico ao desenvolver uma série de medicamentos-arte, os *Colírios* (2014). São dez: *Colírio André Lepecki®*, *Colírio Carlos Asp®*, *Colírio Italo Calvino®*, *Colírio Merleau-Ponty*, *Colírio Irmãos Guimarães®*, *Colírio Luis Borges®*, *Colírio Walter Benjamin*, *Colírio Marcel Duchamp®*, *Colírio Milton Santos®*, *Colírio Marcel Proust®* [2]. Todos eles se vinculam à incapacidade do paciente em ver crítica e poeticamente o mundo ou o real [3]. Portanto, tem-se aí a convergência entre a produção farmacêutica de Kachani e a de Monticelli, em cuja oftalmologia, o *crux* do ocularcentrismo está no distúrbio da visão opaca, por isso seus colírios filosóficos e fenomenológicos. A

acologia de Monticelli é um perspicaz receituário para a formação de filósofos, críticos de arte, artistas como esforço de que não se tornem moléstias intelectuais crônicas. Camille Kachani compreende com Giulio Carlo Argan que a arte é uma espécie de prescrição significativa à espera de que o espectador avie sua bula na forma de projeção dos significados experimentados por sua sensibilidade [4].

[1] São as partes da medicina que estudam, respectivamente, a classificação das doenças e os remédios.

[2] O étimo *colírio* provém do latim *collyrium*, por sua vez originado do grego antigo *kollúron*, para cataplasma. A doença dos olhos, portanto, não sendo neural, basta se tratar com os colírios de Ismael Monticelli, que não age no globo ocular, mas na *perceptio* e *episteme*. O desenho da caixa no popular Colírio Moura Brasil serviu de modelo para os *Colírios*, de Monticelli.

[3] A etimologia da palavra colírio provém do grego *kollúron* para cataplasma.

[4] Ver Argan, Giulio Carlo; Fagiollo Dell'arco, Maurizio, *Guida alla storia dell'arte*. Florença: Sansoni G.G., 1974.

[Trecho do texto publicado originalmente no livro *Camille Kachani – O exílio como motor da obra*, publicado pela Editora Cobogó, 2023.]